

**UM ESTUDO ONOMÁSTICO:
O LÉXICO TOPONÍMICO INDÍGENA
MUNICIPAL ALAGOANO³²**

José Quitério da Silva (UNEAL)

josequiterio@hotmail.com

Pedro Antonio Gomes de Melo (UNEAL)

petrus2007@ibest.com.br

RESUMO

No presente artigo, propomos verificar, sob à luz da onomástica, quais seriam os fatores de natureza motivacional mais recorrentes no ato de nomear municípios alagoanos por meio de tupinismos enquanto elementos específicos simples. A análise dos topônimos de étimo tupi evidenciou que a maior fonte de motivação toponímica é de natureza física, dentro deste grupo a vegetação do espaço (representada no léxico pelos fitotopônimos) e a hidrografia (representada no léxico pelos hidrotopônimos) da região a ser nomeada se apresentaram mais fecundas que outras características do ambiente natural na constituição do acervo lexical toponímico municipal alagoano.

Palavras-chave: Linguística. Onomástica. Toponímia Indígena. Léxico.

1. Preliminares

Neste artigo, apresentaremos um olhar línguo-cultural sobre a toponímia indígena municipal alagoana de étimo tupi, relacionando fatos linguísticos aos extralinguísticos na tentativa de identificação das motivações toponímicas constituintes deste recorte lexical onomástico-toponímico de Alagoas, sob à luz da onomástica.

³² Este artigo foi elaborado a partir do roteiro da apresentação oral a ser realizada na sessão do Grupo 03 de comunicações do dia 26, sobre o tema "Lexicografia, lexicologia, fraseologia, terminologia e semântica", no XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, na Universidade Estácio de Sá – Campus Nova América, em 2014 no Rio de Janeiro.

Segundo Pedro Antonio Gomes de Melo (2013a, p. 163), a toponímia indígena brasileira “provém de diversos troncos linguísticos, muito embora a grande maioria dos nomes de lugares seja de origem tupi, por ter sido essa a língua mais falada na costa do Brasil”. E ainda, Navarro (1999, p. xi), explica-nos que a língua indígena tupi foi “depois do português, a língua que mais produziu nomes geográficos em nosso território”.

É interessante destacarmos que os estudos toponímicos revelam ser muito mais que uma disciplina que trata apenas da nomeação de lugares do ponto de vista linguístico imanente, mas criam vínculos com as etnias, com as denominações das sociedades de todos os tempos, com a cultura de cada lugar e influências que as localidades exercem e/ou sofrem nos/dos denominadores.

Assim sendo, a partir dessa subárea da onomástica, podemos “observar questões extralinguísticas de natureza física e antropocultural relacionadas à motivação toponímica, pondo em tela fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia.” (MELO, 2013b, p.10). Logo efeito, os fatos externos e internos à língua são importantes para se conhecer as motivações toponímicas em razão de o signo toponímico ser motivado.

No dizer de Dick (2007, p. 144) a onomástica é

muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população.

Com efeito, os topônimos agregam valores que podem ser transmitidos e retransmitidos a partir das descobertas motivacionais que os impressionam, seja nos aspectos de natureza física ou antropocultural e como postula Siqueira (2011, p. 124) “podem representar valores, podem revelar traços culturais da memória e da identidade de um povo mediante as particularidades cristalizadas no termo toponímico”. Nesse sentido, eles fazem uma representação aproximativa do real no momento em que foram eleitos quer seja por características geográficas do lugar ou quer seja por escolha objetiva do seu denominador.

O *corpus* lexical deste estudo se constituiu em 22 (vinte e dois) tupinismos designativos de municípios alagoanos levantados mediante consulta bibliográfica ao banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pela internet.

Os topônimos serão apresentados em fichas lexicográfico-toponímicas. É importante destacarmos que na medida em que foram levantadas as informações destas fichas toponímicas dos nomes de origem indígena também foi imprescindível conhecer a história de Alagoas em documentos oficiais do estado de Alagoas disponíveis na internet, para que fossem mais claras as informações.

2. *Situando o estado de Alagoas: um breve panorama sobre a formação e a história*

Inicialmente, torna-se relevante destacarmos que a Toponímia, enquanto disciplina onomástica, é uma ciência que caminha ao lado da história “servindo dos seus dados para dar legitimidade a topônimos em um determinado contexto social, inteirando-se de sua origem para esclarecer as causas motivadoras, num espaço e tempo precisos [...]”. (DICK, 1996, p. 12). Como também, da geografia, uma vez que “o topônimo é o meio que o homem emprega para humanizar a paisagem como parte de sua relação com seu ambiente geográfico”. (SOLIS FONSECA, 1997, p. 22). Daí a necessidade de apresentarmos, neste trabalho, de maneira sucinta o estado de Alagoas em sua a formação e a história

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Alagoas ocupa atualmente uma área de 27.778,506 km², com densidade demográfica de 112,33 hab/km², limitando-se ao norte e noroeste com o estado de Pernambuco, ao sul com o estado de Sergipe, a sudoeste com o estado da Bahia e a leste com o Oceano Atlântico.

A constituição do acervo lexical toponímico e sua distribuição nas designações indígenas municipais de Alagoas, devem-se em particular ao início da formação do estado. Isso resultou no fato de as mesorregiões e microrregiões possuírem topônimos de municípios que tem sua origem no étimo tupi, devido à formação do estado que contou com a presença dos índios e dos colonizadores para a eleição toponímica dos nomes das primeiras cidades de Alagoas, um fato que não se pode ignorar.

O ato de nomear lugares está somado às variedades de valores como os linguísticos, étnicos, sociais e culturais. Em virtude disto, os valores linguísticos principalmente os que se referem à comunicação entre os primeiros colonizadores e os indígenas é uma alusão à língua tupi que era língua dominante desde meados do século XVI e na descoberta dos povos indígenas nas terras alagoanas para produtividade que se almejava

a todo vapor no crescimento do estado que só foi desmembrado da Província Pernambucana em meados de 1817, em consequência da Revolução Pernambucana do mesmo ano.

Os índios, que eram a população nativa de Alagoas, tiveram agressivamente seus valores destruídos ou não preservados pela força do impacto no processo civilizatório imposto. Os primeiros povos a habitarem as regiões eram notadamente seus habitantes nativos e legítimos, fato este que após meados do século XVIII, a história dos povos indígenas começa a sumir ou a não ter importância para o governo da época, o que fez com que muito da cultura, etnia, religião e outras características indígenas desaparecessem.

A influência da língua tupi ou o contato com o índio é talvez o principal aspecto da escolha de nomeação, sobretudo no que diz respeito ao fato de os denominadores frente a tantas possibilidades de nomear um dado espaço físico do estado, tomam por nomeação vocábulos com base na língua tupi, caracterizando traços da biodiversidade regional e local.

Os nomes de municípios são parte de um vocabulário linguístico histórico, neles podemos encontrar informações que se inter-relacionam com a toponímia e a cultura, pois é por meio da língua que dados são fornecidos para que se possa recuperar a realidade sociocultural e histórico-geográfica de um povo, e principalmente dos povos indígenas.

Ao mesmo tempo em que o colonizador procurava impor-se por meio da língua portuguesa, necessitava aprender o idioma dos povos autóctones, já que tinham como preocupação “identificar os objetos da terra” por meio dos nomes a eles atribuídos pelos nativos. (ISQUERDO, 2008, p. 37).

Os nomes identificadores de municípios alagoanos nas correspondências de localidades são identificados nas mesorregiões como pontos principais na expansão dos territórios conquistados pelos portugueses no processo civilizatório. São acerca das características geográficas que os topônimos possuem que conseguimos perceber a real importância dessas localidades para o estado.

2.1. As mesorregiões e microrregiões do estado de Alagoas

Como nos diz Siqueira (2011, p. 194) “a ação de designar localidades está ligada a aspectos importantes dos valores sociais, políticos, culturais da memória coletiva e estabelece um vínculo de identidade entre o termo escolhido e o lugar nomeado”. Desse modo, atestamos que

cada microrregião possui topônimos que apresentam características naturais, onde os acidentes geográficos possam refletir nos nomes de municípios, características que representem a localidade, o clima o relevo, a geografia em si do lugar, podendo ser ou não causa de motivação de seus nomes ou apenas exercer relação com os topônimos municipais.

Nas mesorregiões e microrregiões em que foram identificados os tupinismos, a geografia dos lugares, a abundância da fauna e da vegetação ou a ausência dela, é determinante para formação do léxico toponímico.

Em Alagoas, de acordo com os dados extraídos da Associação Nacional de Ação Indigenista (2011), a população indígena do Estado está dividida em 11 tribos: Calancó, habitantes do município de São Sebastião, Aconã, (Traipu); Carapotó (Porto Seguro), Cariri-Xocó (Porto Real do Colégio), Caruazu (Pariconha), Cataquin (Pariconha); Coiupancá (Inhapi), Jeripancó (Água Branca e Pariconha), Tingui-Botó (Campo Grande e Feira Grande), Xucuru-Cariri (Palmeira dos Índios) e as Vaçucocal (Joaquim Gomes e Novo Lino) e Vaçu-Serrinha que também são dos municípios de Joaquim Gomes e Novo Lino.

As tribos indígenas localizadas em Alagoas são de uma população reduzida e que possuem características de entrosamento com outras etnias, o que vem resultando na perda de valores culturais e degradação dos poucos povos indígenas que ainda sobrevivem no estado. É sob a ótica dessa particularidade que a toponímia interdisciplinar com questões de extrema necessidade para estudo não apenas do lugar, mas do nome em si.

As mesorregiões que ilustram a localização dos povos indígenas atuais reafirmam a importância dos signos toponímicos alagoanos e a contribuição da língua tupi desde a história da colonização e expansão territorial do país.

A toponímia do Brasil poderia conviver [...] com esses dois momentos vivenciados de linguagens, uma, a nativa, do próprio território; a outra, a ádvena, a que chegou de fora; uma constituindo os substratos e os adstratos de etnias e falares; a outra, os superestratos de índole civilizatória. (ISQUERDO, 2008, p. 37).

Os nomes de municípios de origem indígenas de étimo tupi são fontes documentais que registram valores histórico-geográficos que possibilitam o estudo da realidade de seus povos, de suas regiões e particularidades ligadas à linguagem.

Nesse sentido, a toponímia alagoana é o registro histórico dos povos indígenas do estado e da história, é o contar no léxico toponímico das influências trazidas pelos grupos civilizados, sobretudo aos que traziam para a região costeira o seu próprio acervo linguístico para ser imposto os povos nativos do estado. O estado de Alagoas, por ser tão constituído de riquezas naturais e de uma geografia, que embora seja pertencente a região Nordeste, tem suas particularidades.

3. Estudos toponímicos: um breve percurso histórico

Historicamente, considera-se que os estudos toponímicos tiveram início na França com Auguste Longnon, em 1878. Nessa época, o objetivo da Toponímia era recuperar a etimologia dos nomes, assim, esse dado servia, apenas, para essa área de estudo.

No entanto, mesmo antes do século XIX já existiam estudos que apontam para tentativas de sistematização, ainda que necessitando de um direcionamento sólido. Citamos, apenas, a proposta de uma “prototaxionomia” pelo padre Martín Sarmiento, em 1785, cujos estudos, referentes à toponímia galega já apontam a necessidade de se estudar os nomes de lugares não apenas por sua filiação linguística, etimologia ou datação, mas por sua própria substância semântica.

O signo toponímico tem sua importância pela relação da nomeação de acidentes físicos e humanos que é indiscutivelmente própria do homem e da relação que ele exerce com o meio, assim sendo a Toponímia por sua vez se propõe a atuar:

Como área do conhecimento que se ocupa do estudo linguístico dos nomes próprios de lugares tem caráter interdisciplinar, à medida que busca em outros campos do saber informações para subsidiar o estudo do topônimo, dentre outros, a geografia, a história, a antropologia. (CASTEGLIONI, BARROS & ISQUERDO, 2012, p. 147).

Em relação aos estudos que estão sendo veiculados em nível internacional, destacamos para os estudos toponímicos nomes de prestígio mundial na área toponímica como é o de George Stewart, autor de muitos trabalhos como *Names of the land, e classification of place names* que tratam os mecanismos pelos quais os lugares eram nomeados destacando categorias de cunho discriminativas.

Segundo Dick, (1987, p. 7) “apesar de Dauzat ser referência clássica e continuar nos trabalhos de toponímia pelo mundo afora, é preciso

saber que contamos com várias outras excelentes contribuições, sobretudo no que concerne à toponímia indígena americana.” Esta posição da autora se dá na verdade em virtude de nomes como o de Salazar Quijada, que vem se destacando com seus trabalhos na América do Sul em *La toponímia en Venezuela*, sua obra mais completa.

Destacamos ainda os trabalhos de autores de Barcelona e Espanha e mais recentemente o lançamento de o *Atlas toponímico de España*, de Sanchez que expõe dados completos acerca da Toponímia do mencionado país.

No Brasil, seu início como disciplina começa quando se incorpora ao quadro das outras disciplinas de graduação do curso de letras da Universidade de São Paulo (USP) com o nome toponímia geral e do Brasil, com conteúdo desenvolvido em 1934 junto à cadeira de etnografia e língua tupi, que também ficou vinculada ao curso de geografia e história.

Os estudos toponímicos do Brasil inicialmente consistiam apenas numa lista de nomes indígenas com possibilidade de significados etimológicos, pois em comparação com a Europa não se encontrava em nosso país registro algum da cultura indígena.

Foi então que no século XX a toponímia do Brasil que era vinculada à língua tupi, recebeu atenção do Prof. Dr. Plínio Ayrosa, ocupante da cadeira de etnografia e língua tupi da Universidade de São Paulo, que teve como assistente e então sucessor Drumond, com sua mais importante obra intitulada *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*.

Em virtude disso, a toponímia no Brasil vem se aproximando da teoria linguística, etnografia, sociologia, dialetologia, lexicologia entre outras, tentando criar o que Carvalhinhos (2008) chama de “o texto toponímico”. Vale destacar que o enfoque inicial das pesquisas era Ameríndias e se pode conferir nos trabalhos de Magalhães (1985) e Drumond (1954, 1965).

Nesse aspecto, a língua é então, capaz de relacionar os indivíduos às áreas do saber humano, e por isto “os estudos toponímicos estão interligados a diversas áreas do conhecimento, de maneira interdisciplinar, inseridos nos contextos tanto linguísticos como socioculturais, essas pesquisas dentro da toponímia.” Melo (2012, p. 2). Os estudos toponímicos por recuperar os fatos linguísticos, tornam a motivação toponímica imprescindível para se compreender como a natureza do nome e a realidade geográfica e sócio-histórica se relacionam.

Nesse sentido, Carvalhinhos (2002-2003, p. 142) explica-nos que:

Os atuais estudos onomásticos no Brasil vêm justamente resgatando a história social contida nos nomes de uma determinada região, partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória.

Em Alagoas, os estudos toponímicos indígenas revelam-se em estágio incipiente, porém já encontramos alguns trabalhos sobre a toponímia indígena municipal alagoana de Pedro Antonio Gomes de Melo (2013a, 2013b, 2013c), como também, algumas pesquisas resultantes do Projeto de pesquisa do PIBIC UNEAL/FAPEAL intitulado *A Toponímia Municipal Indígena Alagoana: um estudo línguo-cultural de nomes de cidades alagoanas de étimo tupi*, coordenado pelo referido Autor, em andamento na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) desde 2013.

Estes trabalhos fazem um recorte do léxico toponímico indígena municipal do Estado de Alagoas e apresentam uma relação entre o léxico toponímico alagoano e o ambiente refletindo sobre a necessidade de continuar um estudo muito mais aprofundado na toponímia do estado.

O que se assertiva como um grande passo para tornar o léxico alagoano visível às perspectivas da Toponímia do Estado é sem dúvida um avanço, em um continuado trabalho de estudo sobre a micro ou macro toponímia alagoana.

4. *Analises e resultados*

4.1. Japaratinga

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião do Litoral Norte Alagoano

Topônimo: Japaratinga; **Taxionomia:** Ergotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *yapara + tiba*: designa Sítio dos Arcos, fazendo referência ao lugar onde a tribo fazia arcos e flechas com a madeira das suas matas.

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

No caso (1), temos uma motivação deste topônimo está ligada à presença do índio na região. As tribos indígenas se utilizavam das madeiras das matas para fazer seus arcos. Este município está localizado numa região bastante rica de vegetação: a região do Leste Alagoano.

O traço cultural indígena foi preservado na etimologia do nome da região por meio desse ergotopônimo relativo à cultura material do homem com o meio e a cultura.

4.2. Ibateguara

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião Serrana dos Quilobos

Topônimo: Ibateguara; **Taxionomia:** Geomorfotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *Ybategara* significa lugar alto, planalto.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *ibateguar-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

Caso (2), identificamos um geomorfotopônimo designando município de Ibateguara. Trata-se de uma motivação de natureza física, representando a geografia do próprio lugar, ou seja, tem ligação com a forma de relevo alto da região.

4.3. Arapiraca

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Arapiraca

Topônimo: Arapiraca; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *arapi'raka*: *ara* quer dizer periquito ou arara, *pira* pode ser traduzido como pouso e *aca* significa ramo de árvore. Trata-se de uma espécie de angico branco, da família das mimosáceas, muito comum na região do agreste e do sertão alagoano, e que o povo, à sua maneira denomina de Arapiraca.

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.4. Cajueiro

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião da Mata Alagoana

Topônimo: Cajueiro; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *aka'iu*: designa uma árvore da espécie *Anacardium occidentale*.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *caju-* + morfema derivacional *-eiró*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.5. Canapi

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião Serrana do Sertão Alagoano

Topônimo: Canapi; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *canapi*: significa planta d'água.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *canapi* (nome atemático)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.6. Jaramataia

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião de Batalha

Topônimo: Jaramataia; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *jaramataia* significa uma planta luminosa.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *jaramatai-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.7. Murici

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Mata Alagoana

Topônimo: Murici; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *Muricy*: designa a árvore do ramo das bignoniáceas, muito comum na região. Segundo Tibiraçá (1985) de *moressi* árvore da família das malpigiáceas.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *murici* (nome atemático)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.8. Pariconha

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião Serrana do Sertão Alagoano

Topônimo: Pariconha; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *par + conha* significa duas conhas, como eram chamadas as polpas desses frutos.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *pariconh-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.9. Piaçabuçu

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Penedo

Topônimo: Piaçabuçu; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi. Trata-se de uma corruptela de *pe-haçab-uçu*, que significa, segundo os especialistas da língua tupi-guarani, passagem geral do caminho. Segundo Tibiriçá (1985) de *pyassab-ussu*, cerca grande; ou *peassab-ussu* desembocadouro grande.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *piaçabuçu* (atemática)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.10. Pindoba

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Serra dos Quilombos

Topônimo: Pindoba; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *pi'noua*: significa palmeira da sub-família das cocosoídeas, designando uma folha da palmeira com a qual os índios faziam físgas e anzóis. É também chamado assim o coco da palmeira pindá, que antigamente era encontrado com fartura na região.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *pindob-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.11. Taquarana

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Arapiraca

Topônimo: Taquarana; **Taxionomia:** Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *ta'kwara*: designa uma planta chamada pelos índios de cana brava, a haste furada ou oca por dentro. Trata-se de um bambu da família das gramíneas. Segundo Tibiriçá (1985) a forma *ta-cuá-rana*: denota uma planta que se parece com a taquara, falsa taquara (bambu).

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *taquaran-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

Nos casos (3), (4), (5), (6), (7), (8), (9), (10) e (11), temos fitotopônimos, sua motivação está ligada à presença da vegetação da região a ser nomeada, caracterizando, assim, o elo do homem nativo com a natureza física, as diversas árvores, espécies que hoje pouco são encontradas em Alagoas, e sobretudo, a cultura indígena que permaneceu enraizada na etimologia dos nomes de municípios após sua nomeação.

As marcas da flora local nos significados desses tupinismos é um registro marcante para a toponímia, porque identifica de certa forma as características de um lugar no momento que foi nomeado e que continua a preservar essas características e as influências extralinguísticas na motivação que mais se manifestou recorrente durante o processo de investigação.

Todos os fitotopônimos aqui registrados nomeiam municípios localizados geograficamente em regiões com abundância de ecossistemas e alguns desses, apresentam forte variação vegetativa.

4.12. Coruripe

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de São Miguel do Campos

Topônimo: Coruripe; **Taxionomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *cururugy* que significa rio dos sapos, segundo frei Vicente Salvados, cronista colonial. Conforme o professor Silveira Bueno, autor do vocabulário tupi-guarani-português, quer dizer *cu-ru-ry-pe* rio dos seixos.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *Corurip-* + morfema gramatical vogal temática *-e*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.13. Igaçi

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Palmeira dos Índios

Topônimo: Igaci; **Taxionomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *y-assy*: significa rio pestilento, rio doente.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *igaci* (nome atemático)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.14. Jacuípe

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Mata Alagoana

Topônimo: Jacuípe; **Taxionomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *jacu*: espécie de ave galiforme; *y*: rio; e *pe*: lugar, portanto significa no rio dos jacus.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *jacuip-* + morfema gramatical vogal temática *-e*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.15. Maragogi

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião do Litoral Norte Alagoano

Topônimo: Maragogi; **Taxionomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *ma-ra-ú-hy*: designa rio das maraúbas ou rio dos maracujás.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *maragigi* (nome atemático)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.16. Maceió

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Maceió

Topônimo: Maceió; **Taxionomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *maçayo* ou *maçaió-k* que significa o que tapa o alagadiço. Segundo Tibiricá (1985), de *masseió* nome que os tupis davam às lagoas formadas pelas águas pluviais (provável termo tupinambá).

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *maceio* (nome atemático)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.17. Paripueira

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Maceió

Topônimo: Paripueira; **Taxionomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *pari-puera*: significa praia das águas mansas, antigo pesqueiro, antiga barragem.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *paripur-* + morfema gramatical derivacional *-eira*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.18. Traipu

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Traipu

Topônimo: Traipu; **Taxionomia:** Hidrotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *ytira ypu*: que quer dizer fonte de morro ou olho d'água do monte. Segundo Tibiricá (1985) de *tarat-ypu* fonte da traíra.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *traipu* (nome atemático)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

Nos casos (12), (13), (14), (15), (16), (17) e (18), temos hidrotopônimos, eles evidenciam a passagem dos índios, pelo menos em nível do léxico, na formação desses municípios alagoanos.

Na análise destes 7 (sete) hidrotopônimos de étimo tupi: Coruripe, Igaci, Jacuípe, Maragogi, Maceió, Paripueira e Traipu, constatamos o quanto os cursos d'águas tinha importância para o homem nativo.

Os hidrotopônimos correspondem a uma porção considerável de topônimos motivados pela influência indígena e externa à região geográfica, principalmente aos cursos de rios que cortam Alagoas e nesse sentido, também justifica o próprio nome do estado ter natureza motivacional em razão da abundância hidrográfica das terras alagoanas.

4.19. Inhapi

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião Serrana do Sertão Alagoano

Topônimo: Inhapi; **Taxionomia:** Litotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *inha* significa pedra e *pi* significa água, denotando água na pedra.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *Inhapi* (nome atemático)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

No caso (19), identificamos um Litotopônimo de étimo tupi que exerce relação com a riqueza dos minerais no nosso solo alagoano: Inhapi.

4.20. Jundiá

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Mata Alagoana

Topônimo: Jundiá; **Taxionomia:** Zootopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi *Yundi-á* ou *Nhandiá*; denominação genérica dada pelos índios ao bagre. Esse peixe era encontrado em abundância no Rio Manguaba que percorre o território o município de Jundiá.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *jundiá* (nome atemático)

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.21. Piranhas

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco

Topônimo: Piranhas; **Taxionomia:** Zootopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi, registram-se duas explicações etimológicas: junção das bases tupis *pirá* significando peixe e *anha* significando dente, portanto designa peixe com dente ou a junção dos termos tupis *pira* significando pele e *raim* significando o que corta, logo designa corta a pele.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *piranh-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a* + morfema gramatical flexional aditivo *-s*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

4.22. Satuba

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Maceió

Topônimo: Satuba; **Taxionomia:** Zootopônimo

Etimologia: O termo corresponde à corruptela de saúva ou saúba, palavra de origem tupi *isa'uua*: designação comum às formigas do gênero *atta*. Segundo Tibiriçá (1985) de *yssá-tyba* abundância de içás.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *satub-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>

Nos casos (20), (21) e (22), temos zootopônimos que podem representar o elo que o índio, evidentemente mantinha com a pesca no oceano Atlântico ou nos rios que cortavam as regiões em que eles habitavam em Alagoas.

Os zootopônimos compreendem a importância da relação do homem com os animais de modo geral na natureza. Assim, de certa forma, esses tupinismos representam a cultura do homem nativo no ato de nomeação, dando preferência a nomear os lugares de acordo com o que se manifeste mais abundante na região, o que é característica dessa necessidade de sobrevivência, de marcar os territórios não somente por meio do seu estabelecimento nesses locais, mas também de nomear os locais demarcados.

Finalizamos essas análises, destacando que o traço cultural indígena é marcante na toponímia municipal alagoana. Os elementos naturais

que eram extraídos pelos índios sempre estiveram à disposição como conseguimos perceber pelas informações imprescindíveis que as fichas lexicográficas nos fornecem. Os peixes em abundância, a água, a mata e o solo fértil resumem um conjunto de recursos que sempre estiveram ao alcance do homem nativo nas terras alagoanas.

5. *Considerações finais*

Iniciamos estas considerações destacando que em Alagoas verificamos a existência de 22 municípios com nomes de origem tupi, localizados em todas as três mesorregiões e treze microrregiões do estado.

Isso sugere que a língua portuguesa preservou em seus topônimos aspectos da cultura indígena por meio de marcas socioculturais deixadas pelos nossos primeiros habitantes.

Nesse sentido, as análises de um léxico compreendem assim, principalmente no que diz respeito a toponímia indígena de étimo tupi, a necessidade da descoberta de fatos que estão impressos nesses tupinismos, logo, deixando evidente que os topônimos exercem uma relação língu-cultural de real importância para a formação do léxico alagoano.

Em relação às estruturas mórficas dos topônimos foram detectados na sincronia atual 22 Tupinismos caracterizados todos como elementos específicos simples: (1) Japaratinga, (2) Ibateguara, (3) Arapiraca, (4) Cajueiro, (5) Canapi, (6) Jaramataia, (7) Murici, (8) Pariconha, (9) Piaçabuçu, (10) Pindoba, (11) Taquarana, (12) Coruripe, (13) Igaci, (14) Jacuípe, (15) Maragogi, (16) Maceió, (17) Paripueira, (18) Traipu, (19) Inhapi, (20) Jundiá, (21) Piranhas e (22) Satuba. Demonstrando assim, que não há variação marcante na formação lexical dos topônimos de étimo tupi na toponímia municipal alagoana nos tempos atuais.

Uma das conclusões a que chegamos é o fato de que dentre os fatores de natureza motivacional mais recorrentes no ato de nomear municípios alagoanos por meio de nomes de origem tupi foram a vegetação do espaço – representada no léxico pelo registro de 9 (nove) fitotopônimos – e a hidrografia – representada no léxico pelo registro de 7 (sete) hidrotopônimos. Nesse sentido, estes topônimos possuíam conteúdo descritivo normalmente associado à fauna e à hidrografia nativas da região a ser nomeada.

Todos os nomes de étimo tupi designativos de municípios em Alagoas analisados aqui possuem uma ligação muito interessante com o desenvolvimento do homem nos locais em que habitava, sobretudo aos índios que povoaram primeiro estas regiões antes da presença dos colonizadores. A necessidade de morar em localidades que se apresentassem em maior fecundidade de recursos naturais era a característica mais marcante de nossos índios, que dependiam muito dos recursos da natureza a qual faziam parte.

Por fim, ressaltamos que o estudo do léxico toponímico municipal indígena de Alagoas consiste em uma área de indagação linguística muito ampla, tornando este trabalho limitado na forma como aborda o assunto proposto, longe do ideal, mas que traduz o esforço destes pesquisadores com os problemas atinentes à Toponímia alagoana, deixando para outro momento, perspectivas outras de investigação de maior aprofundamento de análises dos fenômenos toponomásticos. Logo, ficam abertas possibilidades para inquirições complementares, tendo em vista que é sempre possível a realização de análises mais exaustivas dos fenômenos linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e gestão. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*. Censo demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 31-03-2014.

CASTIGLIONI, A. C. BARROS L. A. ISQUERDO, A. N. Um olhar sobre a toponímia dos rios em Mato Grosso do Sul. In: *Revista ANTARES*, vol.4, nº8, jul./dez. 2012.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). In.: *Revista USP*. São Paulo, dez./fev. 2002-2003, n.56, p. 172-179.

DICK, M. V.P. A. Toponímia e cultura. 1987. In: *Ver. Inst. Est. Bras.* SP 27, p. 93-101, 1987.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo : Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. *A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. Atlas toponímico do Mato Grosso do Sul. 2007. In: *Revista Trama*. Vol. 3 Nº 5 1º semestre de 2007, pp.141-155.

ISQUERDO, A. N. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-Histórico na toponímia sul-mato-grossense. In.: *Revista ProLíngua* Volume 2 – Número 2 – jul/dez de 2008.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. Um recorte do léxico toponímico indígena municipal alagoano: motivações toponímicas. In.: *Interfaces*. Guarapuava, v. 4 n. 2 jun /dez, pp. 39 – 51. 2013b.

_____. A toponímia municipal da microrregião alagoana do Sertão do São Francisco. In: *Saberes Letras*, Vitória, v. 10, n. 1 set. / dez. 2012, pp. 64 – 80

_____. *Toponímia indígena*: Um estudo lexical dos nomes de municípios alagoanos de étimo tupi. Veredas FAVIP – Revista eletrônica de Ciências, v.6, n.1, jan./jun.2013a. pp. 160 – 179.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo*: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SIQUEIRA, K. M. de F. Estudo toponímico: âmbitos e perspectivas de análises. *REVEL*, v. 9, n. 17, 2011.

SOLIS FONSECA, G. *La gente passa, los nombres quedan*. Introduccion en la Toponímia. Lima: Lengua y Sociedad, 1997.